



MARIA, DOS ANDORES À MEDICINA CASEIRA: SEU NOME E OS NOMES POPULARES DAS PLANTAS MEDICINAIS

MARY, FROM SAINTS' STANDS TO HOME MEDICINE: HER NAME AND OF
MEDICINAL PLANTS

*Rinalda Araújo Guerra de Oliveira**

*Anamélia Soares Nóbrega***

*Valdelene Nunes de Andrade Pereira****

RESUMO

O presente artigo procura construir, a partir da nomenclatura popular das plantas medicinais, uma discussão em torno da identidade devocional mariana do cristianismo católico. A abordagem da religiosidade popular presente no território brasileiro mostra que o imaginário religioso é compartilhado por muitas pessoas na cura das doenças. Por isso, o nosso estudo teve como objetivo resgatar na literatura acadêmica alguns exemplos da nomenclatura popular das plantas medicinais cujos nomes contenham a palavra Maria ou a expressão Nossa Senhora. A pesquisa consistiu na análise da nomenclatura presente em livros de plantas medicinais, botânica e demais obras que mencionem a medicina caseira. A união da saúde com a espiritualidade está presente nas tradições do povo, conforme as necessidades de cada época. Portanto, a fé popular origina uma linguagem que faz parte do costume do povo em nomear algumas plantas medicinais com nomes religiosos.

* Doutora em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos, Professora aposentada do Departamento de Fisiologia e Patologia da Universidade Federal da Paraíba. Farmacêutica. Colaboradora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Homeopatia e Fitoterapia. E-mail: rinaldaago@gmail.com.

** Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Bacharel em Ciências Jurídicas. E-mail: anameliasn@gmail.com.

*** Mestre em Ciências das Religiões pelo Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Médica com residência em Saúde da Família e em Pediatria, Farmacêutica e Escritora. E-mail: valdelenenap@hotmail.com.



Palavras-chave: Mariologia. Devoção. Religiosidade Popular. Plantas medicinais.

ABSTRACT

This article aims to discuss the Marian devotional identify of Catholic Christianity, based on the popular nomenclature of medicinal plants. Popular religiosity in Brazil shows that the religious imaginary is shared by many people in curing diseases. Therefore, our study aimed to rescue in the academic literature some examples of popular nomenclature of medicinal plants whose names contain the word Maria or the expression. “Nossa Senhora”. The research consisted in the analysis of the nomenclature present in books of medicinal plants, botany and other works that mention home medicine. The union of health and spirituality is present in the traditions of the people, according to the needs of each age. Therefore, popular faith originates a language that is part of the custom of the people to name some medicinal plants with religious names.

Key-words: Mariology. Devotion. Popular religiosity. Medicinal plants.

1 INTRODUÇÃO

O nome Maria e a expressão Nossa Senhora, fazendo referência à mãe de Jesus, podem ser encontrados na nomenclatura das plantas medicinais. Nesse sentido, a devoção mariana pode ser identificada a partir do costume do povo de nomear popularmente as plantas com hierônimos¹. Assim, a religiosidade popular está espalhada nos jardins, nos quintais e nas feiras que comercializam plantas medicinais de norte a sul do Brasil.

A ideia para escrever este artigo nasceu após a leitura da tese de doutorado de Ana Paula Mendes Alves de Carvalho sobre a hagiotoponímia em Minas Gerais. Essa tese fez um estudo linguístico do léxico hagiotoponímico. Nessa perspectiva, resolvemos fazer um estudo semelhante, mas com as devidas adaptações, no campo das Ciências da Religião, abordando os nomes populares das plantas medicinais.

Das três categorias hagiotoponímicas: nomes dos santos, das santas e das invocações populares marianas propostas por Carvalho (2014), fizemos a opção pela categoria que abordava a devoção mariana. A partir dessa escolha, começamos a

¹ Conforme o dicionário de Ferreira (2010, p. 398) o termo hierônimo tem o seguinte significado: “designação comum aos nomes sagrados, próprios ou não, de qualquer crença religiosa; hagiônimo”.

pesquisar os nomes das plantas medicinais que continham o substantivo Maria ou a expressão Nossa Senhora.

O ato de colocar nomes religiosos nas plantas revela como as palavras são utilizadas pelo povo para expressar suas crenças no aspecto sociocultural. Nessa perspectiva, sobre o poder da linguagem, vemos que: “por ser mágica, cabalística, sagrada, a palavra tende a construir uma realidade dotada de poder” (BIDERMAN, 1998 apud CARVALHO, 2018). E no caso dos nomes populares das plantas medicinais, a religiosidade popular assumiu o protagonismo.

O professor Afonso Murad afirma: “Maria tornou-se tão importante para os católicos, que no Brasil seu nome é ‘Nossa Senhora’ [...]” (MURAD, 2012, p. 199). Essa afirmativa pode ser comprovada pelos milhares de andores de Nossa Senhora carregados nas celebrações que homenageiam a figura feminina do credo católico identificada nos evangelhos através do nome Maria.

O culto a Nossa Senhora sob as mais diversas invocações faz parte da vivência religiosa católica brasileira. Nessa perspectiva, Beozzo e Marques (2004, p. 127) descrevem: “A Virgem, sob o título de Nossa Senhora da Conceição - devoção franciscana, mas incorporada pelos jesuítas - é sem dúvida a mais importante invocação mariana do Brasil [...]”.

Além disso, no Brasil, houve o encontro da imagem quebrada de Nossa Senhora da Conceição por pescadores em 1717. Na cronologia apresentada por Brustoloni (1998, p. 90) temos que em 5 de maio de 1743: “Dom João da Cruz assina Provisão, aprovando o culto a Nossa Senhora da Conceição sob o novo título de Aparecida e concede licença para construir a primeira igreja em seu louvor”.

Embora o nosso foco sejam os nomes populares em português, utilizados no Brasil, não podemos deixar de mostrar que esse fato ocorre em outras línguas. No livro sobre a fitoterapia contemporânea escrito por Glaucia de Azedo Saad, juntamente com outros pesquisadores, existe o exemplo da planta usada com fins terapêuticos conhecida no Brasil com o nome de calêndula. No histórico da calêndula (*Calendula officinalis* L.), Saad et al (2018, p. 167) apontam: “O nome popular em

inglês *marigold* refere-se à Virgem Maria por ser utilizada em festejos católicos relativos a essa santa. [...]”.

A realidade é que as plantas medicinais se popularizaram com nomes diferentes dos vocábulos registrados pela linguagem científica. Apesar de haver um sentimento de gratidão pelo esforço dos cientistas em classificar as plantas medicinais, a escrita e a pronúncia dos seus nomes científicos em Latim ocorrem mais no universo acadêmico, uma vez que soam estranhos à maioria da população.

Nesse sentido, geralmente os livros citam tanto os nomes científicos quanto os nomes populares pelos quais os usuários das plantas medicinais tradicionalmente as conhecem. Para ilustrar como os nomes populares das plantas medicinais abrem espaço para a religiosidade, vamos citar o exemplo da planta medicinal cujo nome científico é *Digitalis purpurea* L., mas é conhecida popularmente por outros nomes, entre os quais: dedaleira, luvas-de-nossa-senhora e seiva-de-nossa-senhora.

Vamos fazer uma pequena síntese sobre essa planta medicinal. A forma das suas flores assemelha-se ao formato de dedal, não sendo por acaso a escolha dos nomes populares: dedaleira e luvas. E o porquê da expressão “Nossa Senhora”? É esse questionamento que impulsionou a nossa pesquisa. Percebemos que a resposta dessa pergunta podia revelar que as pessoas ao nomear a planta com essa expressão, acabavam unindo seus sentimentos religiosos com a natureza.

O nome científico é escrito no idioma Latim por causa de normas internacionais. Além disso, as letras do nome da espécie devem ser escritas em itálico. As duas primeiras palavras formam o nome da espécie, sendo que a palavra inicial do nome científico identifica o gênero. Ou seja, *Digitalis purpurea* é o nome da espécie e *Digitalis* é o nome do gênero. A letra do alfabeto L (em maiúscula) no final do nome científico é importante para identificar o cientista que fez a classificação botânica da planta. No nosso exemplo, a letra L representa o pesquisador Lineu.

Face ao exposto, apresenta-se a seguinte questão: até onde os nomes populares das plantas medicinais utilizadas no Brasil revelam a presença da devoção mariana?

A metodologia utilizou-se de uma pesquisa através da revisão da literatura em teses, livros e artigos publicados, impressos e *online*, sendo priorizados os estudos que envolveram a nomenclatura popular das plantas medicinais. Os critérios de inclusão dos textos foram os que continham as plantas cujos nomes populares se referiam a Maria e/ou Nossa Senhora com seu respectivo nome científico, sem restrição do ano de publicação. Os critérios de exclusão foram textos em que o nome Maria na denominação da planta medicinal não se referia à devoção mariana. Trata-se de uma revisão de base descritiva, que abrangeu textos cujas fontes variaram de 1992 a 2019, na língua portuguesa.

2 RELIGIOSIDADE POPULAR, MEDICINA CASEIRA E ESPIRITUALIDADE

Nos primeiros tempos do cristianismo, a função da religiosidade popular está inserida no cenário dos problemas das pessoas humildes e doentes. Assim, no contexto daquilo que está por trás do cristianismo apócrifo, o historiador Eduardo Hoornaert descreve: “O movimento cristão articula, na base da sociedade romana, uma rede associativa de socorro a prementes necessidades humanas e nisso se mostra mais eficiente que as tradicionais redes formadas em torno de Asclépio [...] (HOORNAERT, 2016, p. 138).

Dito em outras palavras, as práticas no cuidado dos doentes embasam muito do caminho do cristianismo que emergia naquela época. As crenças tanto dos cuidadores quanto das pessoas que eram cuidadas espelhavam a busca do bem-estar dos sofredores. Nesse sentido, Hoornaert (2016, p. 139) sintetiza: “O que acontece é que Cristo, Maria e os Santos, num determinado momento, se mostram mais eficientes no combate aos males que afligem a vida humana”.

No decorrer dos séculos, a humanidade vem fazendo uso de plantas na medicina popular caseira no tratamento das mais diversas doenças. A eficácia de muitas delas foram comprovadas cientificamente, resultando na descoberta de medicamentos. A planta medicinal é a matéria-prima usada na forma seca ou fresca, para a preparação dos chamados “remédios caseiros”, a exemplo dos chás, xaropes, garrafadas, cataplasmas, tinturas, e também na fabricação dos fitoterápicos. Estes, por sua vez, são obtidos a partir de drogas liofilizadas e padronizadas; ou seja, utilizando materiais

que passaram por secagem controlada e cujos compostos farmacologicamente ativos foram previamente padronizados (ALMEIDA et al., 2014).

As práticas rituais estabelecidas na obtenção da saúde aludem às tradições religiosas milenares de cura, sobretudo por meio do uso de plantas medicinais. É interessante mencionar que muitos profissionais da saúde já trouxeram à tona a importância da medicina caseira como uma prática terapêutica, pois conforme Ataíde et al (2007, p. 127): “Desde a antiguidade, as plantas medicinais são usadas para a preparação de remédios caseiros, com a finalidade de prevenção e tratamento de diferentes enfermidades”.

A devoção é uma força capaz de acionar tanto as crenças quanto as superstições no âmbito da saúde. O imaginário e o místico presentes na religiosidade popular fez com que o povo, de forma intuitiva, buscasse o tripé formado pela medicina caseira, devoção e funcionalidade benéfica da planta. Assim, nas explicações do Frei Clodovis Boff, temos que: “Devoção significa então, por um lado, amar em seu íntimo a figura religiosa de que se é ‘devoto’ e, por outro, prestar-lhe exteriormente as devidas homenagens [...]” (BOFF, 2006, p. 554).

Citamos a reflexão das pesquisadoras Santana e Erdmann (2000, p. 8): “A crença faz parte da história das pessoas, portanto faz parte da história de um povo”. Assim, no cenário que envolve a medicina caseira e a religiosidade popular, destacamos o conjunto formado pelas mulheres e homens que o povo costuma chamar de raizeiros. Os tratamentos populares com chás e garrafadas de raízes são amplamente utilizados no Brasil. Na explicação de Lima, Sá e Klüppel (2012, p. 180): o raizeiro “prepara os remédios: rapé, banhos, banha, garrafada e explicam como fazer um chá, há outros que são curadores”.

Antes da assistência institucionalizada em clínicas e hospitais ser expandida pelo território brasileiro, havia uma grande dificuldade de acesso ao tratamento médico. Por isso, a solução das doenças nas comunidades mais distantes acabava ocorrendo através da troca de saberes, principalmente com relação ao uso das plantas medicinais.

O uso das folhas, raízes, cascas, flores e frutos das plantas medicinais da tradição popular foram sendo assimilados pelo meio acadêmico, o qual veio a se transformar em uma importante vitrine para a divulgação desse tipo de terapêutica complementar, sendo inclusive valorizado na Atenção Primária do Sistema Único de Saúde (SUS). Desse modo, citamos a contribuição dos estudos publicados por Oliveira, Lima e Souza (2007) que analisou o uso das plantas medicinais na dermatologia.

Na tradição popular, muitas súplicas são direcionadas pelos fiéis católicos a Nossa Senhora. Dessa maneira, numa análise historiográfica Riolando Azzi explica: “Ao lado de Jesus, também a Virgem Maria era apresentada como modelo de sofrimento, e cultuada sob diversos títulos: Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora da Soledade [...]” (AZZI, 2008, p. 642).

Nessa perspectiva, o padre e missionário claretiano Roque Beraldi lembra que: “Em cada lugar que as graças de Deus, por meio de Maria, foram derramadas, um novo título foi atribuído a Nossa Senhora, como prova de agradecimento e confiança na sua maternal intercessão” (BERALDI, 2012, p. 6). A vivência cotidiana e doméstica é percebida na vida de Maria conforme observamos na seguinte descrição dos historiadores José Oscar Beozzo e Luiz Carlos Marques:

Vivendo a experiência da gravidez, do parto, da maternidade, do aleitamento, do cuidado das crianças, do socorro nas doenças e em todos os pequenos problemas domésticos e familiares, as mulheres encontram na Virgem uma poderosa intercessora (BEOZZO; MARQUES, 2004, p. 114).

O historiador e professor do magistério superior Newton Cabral, no plano de suas memórias, descreveu quão rica de elementos cênicos, musicais e artísticos foi a influência da devoção mariana na vida religiosa de um município potiguar. Nessa perspectiva, abordando as tradições religiosas populares, Cabral (2017, p. 174) historiciza: “Uma das mais antigas, a devoção a Maria é também chamada de hiperdulia - a mais especial e excelente entre as formas de culto aos santos -, por isso mesmo, reservada apenas a Nossa Senhora”.

Assim, podemos afirmar que a devoção mariana faz parte de uma religiosidade popular que quase não possui limites em suas manifestações emotivas,

principalmente quando os devotos buscam conseguir milagres. Nesse sentido, Sylvana Brandão (2004 apud CABRAL, 2015, p. 1663) identifica que: “Para as gentes humildes e generosas do Brasil [...] milagres podem ser tão somente a solução de um impasse qualquer, seja ele afetivo, financeiro, de dor física”.

O padre e professor Luiz Libório mostra que a piedade mariana é importante na identidade católica, pois: “Na religiosidade popular, Nossa Senhora ocupa entre todos os santos, no céu e na terra, um lugar preferencial. A piedade mariana é um sinal de identidade do catolicismo brasileiro” (LIBÓRIO; MOREIRA, 2017. p. 329).

A tendência para uma confiança inquebrantável e uma predisposição afetiva são traços genuínos da devoção mariana. Muitos devotos chamam Maria pela invocação de mãezinha do céu, mas na realidade eles clamam por sua super maternidade. Ou seja, ela é a Mãezona Celestial, sempre alerta e pronta para interceder por seus fiéis devotos nas vinte e quatro horas de cada dia. Esse termo - Mãezona - pode até parecer emotivo demais, se não fosse os vários testemunhos de milhares de devotos espalhados pelo mundo inteiro.

Maria tornou-se uma figura simbólica para a religiosidade popular católica. Conforme Lima (2003, p. 40): “O ‘sim’ de Maria torna-se a antítese do ‘não’ de Eva. Por isso, alguns Padres vêem no ‘Ave’ (da Ave Maria) o nome ‘Eva’ de trás para a frente!”.

A piedade mariana multiplicou-se pelas capelas, paróquias e santuários. Nesse contexto, Boff (2006, p. 551) esclarece: “A piedade é ‘popular’, em primeiro lugar, por constituir a piedade ‘do povo’, das multidões católicas, da massa dos fiéis, sejam eles ricos ou pobres, gente da cidade ou do campo, praticantes ou não praticantes”.

Embora a devoção esteja inserida nas metrópoles, ela é mais perceptível na vida rústica do povo do campo, principalmente em solo nordestino. Os pesquisadores José Afonso Chaves e Eveton Pereira descreveram o repertório musical de Luiz Gonzaga, sanfoneiro pernambucano. Na música intitulada Ave Maria Sertaneja, Chaves e Pereira (2017, p. 374) expõem: “Na parte final da canção o sentido da súplica por proteção e cura fica evidente”.

As práticas católicas fizeram parte da expansão do projeto de colonização do Brasil. Por isso, elas foram introduzidas no culto dos africanos escravizados e dos índios catequizados. Conseqüentemente, o nome Maria começou a ganhar destaque nas pias batismais, fazendo surgir as “Marias” nas senzalas e nas aldeias. Nesse sentido, Vasconcelos e Silva (2010, p. 105) apontam: “A preocupação principal era quanto ao batismo dos africanos, a sacramentalização através do batismo em massa era o objetivo principal da evangelização”.

Ainda hoje é possível verificarmos, principalmente nas famílias católicas, a presença de inúmeras meninas batizadas com o nome Maria. A fim de mostrar as estatísticas das cidadãs brasileiras, Libório e Moreira (2017, p. 338) descrevem que: “[...] de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) onde, no Censo de 2010, confirma que há 11,7 milhões de Marias, em território brasileiro [...]”.

A influência portuguesa também é destacada pelos professores Marques e Ribeiro (2012, p. 36): “Enquanto país do Novo Mundo, colonizado pela monarquia portuguesa de 1500 até 1822, ao Brasil foi imposto o catolicismo enquanto religião oficial da sociedade colonial”. Sendo assim, essa religião oficial trouxe para o Brasil a herança devocional do povo lusitano.

Para evidenciar um pouco a devoção mariana na história lusitana, descrevemos a invocação a Nossa Senhora da Saúde que teve início em meados de 1569, quando um enorme morticínio assolou a cidade de Lisboa, conforme a seguinte descrição: “Em 1570, tendo diminuído o morticínio [...]. Organizou-se festiva procissão, que levava em rico andor a imagem da Virgem Maria encomendada especialmente para a ocasião e à qual deram o nome de Nossa Senhora da Saúde” (LIMA JÚNIOR, 2008 apud CARVALHO, 2014, p. 484).

Murad (2012, p. 209) expõe: “As devoções a Maria, como o terço, as novenas, as promessas, as fórmulas de consagração, as romarias, são manifestações do coração. [...] Essa religiosidade não tem dono nem regras definidas”. Desse modo, justamente por ser motivada pelo emocionário do povo, é que o presente artigo sugere que os nomes marianos das plantas medicinais também são expressões dessa devoção.

Tal como as duas faces de uma mesma moeda, a espiritualidade e a natureza estão juntas no mesmo processo de busca pela saúde. Seguindo tal raciocínio, a médica e estudiosa da linha de Espiritualidade e Saúde, Valdelene Pereira (2012) sugere:

O bom uso do tempo nas nossas vidas também tem implicações sobre a nossa saúde, pois como vimos, é a correria desenfreada do cotidiano que nos leva a ligar o piloto automático nas nossas atitudes sem nos concentrarmos no momento presente, tão precioso. [...]. E o que dizer então de parar para meditar, para orar, simplesmente para parar? Sugerimos ainda: a contemplação da natureza, a observação das flores, do céu, da lua, do mar; sentir a brisa na face, ouvindo o canto dos pássaros. Não fazer nada às vezes pode ser vital para ouvirmos a voz de Deus. É no silêncio que Ele se faz ouvir (PEREIRA, 2012, p. 272).

O texto citado, onde a autora propõe uma ressignificação do tempo, é quase um presságio da atualidade, onde o excesso de ruído da sociedade foi silenciado por um vírus. Para o mundo globalizado e agitado em que vivemos, isolar-se tornou-se um castigo, mesmo que por um breve momento. Em outra obra, a referida autora (PEREIRA, 2019) traz novamente a temática do silêncio e do uso do tempo como forma de reduzir o estresse da vida moderna, favorecendo o autoconhecimento, uma maior aproximação com o Sagrado, trazendo grande benefício para a saúde do indivíduo como um todo.

3 PLANTAS PARA MARIA E PARA NOSSA SENHORA NO ENCONTRO DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO COM AS CIÊNCIAS DA SAÚDE

O Criador ordenou que os seres humanos, nas origens do mundo, nomeassem os demais seres viventes. Nessa perspectiva teológica, o livro de Gênesis descreveu: “lahweh Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual devia levar o nome que o homem lhe desse” (Gn., 19). Assim, a criatura humana, a única detentora de capacidade racional, foi privilegiada por essa faculdade de decidir, por si mesmo, como chamar a fauna e a flora.

O que ocorre quando uma planta medicinal recebe um nome popular de base religiosa? Cientificamente, podemos dizer que não altera nenhuma de suas

propriedades químicas. Mas, para os devotos dos santos e de Nossa Senhora propositalmente haveria uma relação de similitude com a intercessão junto ao Sagrado.

O presente artigo teve como foco as plantas medicinais com nomes populares que possuem a palavra Maria ou a expressão Nossa Senhora. Ressaltamos que o substantivo próprio Maria é escrito com letra inicial maiúscula, bem como a expressão Nossa Senhora. No entanto, na grafia dos nomes populares das plantas medicinais, tanto “Maria” quanto “Nossa Senhora” devem aparecer em letras minúsculas, pois os nomes das plantas são substantivos comuns. Adiante, faremos uma análise resumida das oito plantas medicinais encontradas em nossa pesquisa:

a) Nome científico: *Chenopodium ambrosioides* L.

Nome popular: erva-de-santa-maria

É originária da América Central e espontânea no Sul e Sudeste do Brasil. Essa planta foi a mais citada nos materiais pesquisados. Nos seus levantamentos, a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera essa planta como um dos remédios naturais tradicionais mais utilizados no mundo (LORENZI; MATOS, 2008). Franco (2013) menciona o uso dessa planta como antiparasitário e antiespasmódico.

b) Nome científico: *Coix lacryma-jobi* L.

Nome popular: lágrima-de-nossa-senhora

É originária da Ásia Tropical. Cresce em quase todo território brasileiro. Tradicionalmente, é utilizada na medicina popular há séculos. Encontram-se registros de seu uso pelos chineses do ano 200 da Era Cristã, como diurética e nas doenças reumáticas sendo usada até os dias atuais. Estudo farmacológico comprovou sua atividade antitérmica, diurética e relaxante muscular (LORENZI; MATOS, 2008).

c) Nome científico: *Argemone mexicana* L.

Nome popular: santa-maria, cardo-de-santa-maria, cardo-santo

É originária do México, mas encontradas na Índia, África do Sul e Brasil. As raízes e partes aéreas são utilizadas na medicina popular para

inflamação na bexiga e as sementes torradas no tratamento do Acidente Vascular Cerebral (AVC) isquêmico. O extrato fluido das folhas mostrou efeito anti-inflamatório (LORENZI; MATOS, 2008); (DANTAS, 2007).

d) Nome científico: *Silybum marianum* (L.) Gaertn.

Nome popular: cardo-santa-maria, cardo-de-nossa-senhora, cardo-mariano

Esta espécie merece uma atenção especial, pois seu nome científico remete a Maria, através do nome em Latim *marianum*. As sementes são usadas para facilitar a produção e eliminação de bile, hepatite e cirrose. Como medicamento é vendido nas farmácias devido ao seu princípio ativo, silimarina, para tratar hepatites agudas, gorduras no fígado e alterações hepáticas induzidas pelo álcool (RIGUEIRO, 1992). É cultivada para fins medicinais principalmente no norte da África e na América do Sul (SHULZ; HÄNSEL; TYLER, 2002).

e) Nome científico: *Varronia verbenacea* (DC.) Borhidi

Nome popular: maria-milagrosa

É nativa do Brasil. Suas folhas são utilizadas popularmente no combate às úlceras estomacais, como analgésica e no combate à artrite, sendo comprovada experimentalmente sua atividade anti-inflamatória (LORENZI; MATOS, 2008).

f) Nome científico: *Allamanda cathartica* L.

Nome popular: santa-maria

É nativa do Brasil. Suas folhas possuem indicação popular como planta purgativa e anti-helmíntica. A avaliação farmacológica das folhas evidenciou propriedades catárticas (LORENZI; MATOS, 2008).

g) Nome científico: *Peltodon longipes* Benth

Nome popular: santa-maria

É nativa do Brasil. As indicações populares de suas folhas são como emenagoga (indutora da menstruação) e reguladora do fluxo menstrual (LORENZI; MATOS, 2008).

h) Nome científico: *Digitalis purpurea* L.

Nomes populares: luvas-de-nossa-senhora e seiva-de-nossa-senhora

É nativa da Europa e do norte da África, sendo cultivada no sul do país (LORENZI; MATOS, 2008). A importância farmacológica dessa planta está relacionada ao seu uso como estimulante cardíaco. Conforme Lorenzi e Matos (2008, p. 425): “suas folhas e o seu extrato estabilizado passaram a ser utilizados para tratamento de doenças cardíacas, principalmente arritmias e insuficiência congestiva”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O costume de nomear as plantas recorda os tempos bíblicos, conforme o Gênesis. O uso das folhas, das flores, das cascas, das raízes e dos frutos das plantas medicinais eram conhecidos desde os povos primitivos. E a devoção mariana em terras brasileiras alude às primeiras caravelas portuguesas. Desta forma, percebemos que as crenças fazem parte das expressões religiosas a favor da saúde, mostrando a importância das representações religiosas e das práticas terapêuticas na vivência popular, integrando as criaturas humanas, a natureza e a espiritualidade.

A partir do estudo dos nomes populares das plantas medicinais, observamos vários aspectos do conjunto formado pela religiosidade popular, devoção mariana, natureza, espiritualidade e ciência, potencializando o diálogo entre os saberes populares e o conhecimento acadêmico.

O presente artigo ressalta que o estudo científico das plantas medicinais em laboratório tem sido muito positivo para evitar intoxicações, estabelecendo as doses terapêuticas adequadas, bem como as que se aproximam da letalidade. Assim, o uso das plantas medicinais deve ser analisado por cientistas, pois nem sempre as plantas são inofensivas para a saúde.

O nome popular das plantas é livre. E nesses nomes, a devoção mariana pode brotar. Afinal, se hoje Maria está nos andores das procissões, é porque muito antes ela esteve nos corações dos primeiros devotos.

A predominância de um nome popular depende do gosto do povo. Já os nomes científicos são estudados nos livros de farmacognosia, fitoterapia, medicina complementar, plantas medicinais, agronomia, biologia e outras obras no âmbito das salas de aula das universidades brasileiras, tanto na graduação quanto na pós-graduação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jackson Roberto Guedes da Silva et al. Núcleo de estudos e pesquisas de plantas medicinais da UNIVASF: desafios e perspectivas. In: BARRETO, Alexandre Franca (Org.). **Práticas integrativas em saúde: proposições teóricas e experiências na saúde e educação**. Recife: Editora UFPE, 2014.

ATAÍDE, Raquel do Amaral. et al. Uso de remédios caseiros por mulheres do Programa Saúde da Família. **Revista de Enfermagem da UFPE on line**, [SI], v. 1, n. 2, p. 126-132, nov. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/5307/4526>. Acesso: 04 abr. 2020.

AZZI, Riolando. Espiritualidade e Santidade. In: AZZI; VAN DER GRIJP (Orgs.). **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 638-650.

BEOZZO, José Oscar; MARQUES, Luiz Carlos Luz. Oragos de Paróquias, na primeira evangelização do Brasil. In: Sampaio, Jorge Hamilton (Org.). **Saúde, dinheiro e amor: estudo da vivência religiosa a partir dos seus sujeitos**. Piracicaba: UNIMEP/CEHILA, 2004, v.1, p. 113-131.

BERALDI, Roque Vicente. **101 títulos de Nossa Senhora na devoção popular**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2012.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Clodovis. **Mariologia Social: O significado da Virgem para a sociedade**. São Paulo: Paulus, 2006.

BRUSTOLONI, Júlio. **História de Nossa Senhora Aparecida: sua imagem e seu santuário**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1998.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. As Cerimônias de Coroação de Nossa Senhora: memórias e análise de uma prática devocional mariana. **Paralellus Revista de Estudos de Religião - UNICAP**, Recife-PE, v. 8, n. 17, p. 173-190, dez. 2017. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/1083>.

Acesso em: 04 abr. 2020. doi:<https://doi.org/10.25247/paralellus.2017.v8n17.p173-190>.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. Rosas para santa Rita de Cássia: percursos de uma devoção em Santa Cruz – Rio Grande do Norte. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOTER, 28., 2015, Belo Horizonte, **Anais eletrônicos...**, Belo Horizonte: SOTER, 2015. p. Disponível em: <http://www.soter.org.br/documentos/documento-GxmSWsBSOfD8PG05.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2020.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. **Hagiotoponímia em Minas Gerais**. 2014. 822 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/MGSS-9PMR2U>. Acesso em: 04 abr. 2020.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. Toponímia religiosa em Minas Gerais: os nomes dos municípios. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S.l.], v. 26, n. 3, p. 1123-1150, jun. 2018. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12888>. Acesso em: 09 abr. 2020.

CHAVES, José Afonso; PEREIRA, Eveton Guilherme. "Quando batem as seis horas": devoção popular na obra de Luiz Gonzaga. **Paralellus Revista de Estudos de Religião - UNICAP**, Recife-PE, v. 8, n. 18, p. 359-375, dez. 2017. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/1122>. Acesso em: 04 abr. 2020.

DANTAS, Ivan Coelho. **O Raizeiro**. Campina Grande (PB): Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. rev. atual. Curitiba: Positivo, 2010.

FRANCO, Ivacir João. **Minhas 500 ervas e plantas medicinais**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2013.

HOORNAERT, Eduardo. **Origens do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2016.

LIBÓRIO, Luiz Alencar; MOREIRA, Ana Cristina de Lima. Maria: simplesmente a Mãe de Jesus. **Paralellus Revista de Estudos de Religião - UNICAP**, Recife-PE, v. 8, n. 18, p. 327-340, dez. 2017. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/954>. Acesso em: 04 abr. 2020.

LIMA, Geraldo de Araújo. Maria na Bíblia e no Carmelo. In: MEDEIROS, Bartolomeu Tito Figueirôa de. (Org.). **"...me chamarão Bem-aventurada"**: textos de Mariologia Carmelitana. Recife: Gráfica Dom Bosco, 2003.

LIMA, Maria do Rosário de Araújo; SÁ, Lenilde Duarte de; KLÜPPEL, Berta Lúcia Pinheiro. Reza e Tecnologia leve no diálogo entre saberes científicos e populares.

In: GNERRE, Maria Lucia Abaurre (Org.). **História das religiões**: temas e reflexões. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012, p. 177-202.

LORENZI, Harri; MATOS, Francisco José de Abreu. **Plantas medicinais no Brasil**: nativas e exóticas. 2. ed. Nova Odessa (SP): Instituto Plantarum, 2008.

MARQUES, Luiz Carlos Luz; RIBEIRO, Emanuela Sousa. Religião, Direito, Cultura: a legislação de defesa dos direitos culturais no combate aos preconceitos étnicos às religiões indígenas e dos afro-descendentes. In: SUNG, Jung Mo; CAMPOS, Leonildo Silveira (Coord.). **Religiões populares e novos cenários culturais**: rupturas e continuidades. São Paulo: Editora Reflexão, 2012. Cap. 2, p. 35-46.

MURAD, Afonso Tadeu. **Maria**, toda de Deus e tão humana. Compêndio de mariologia. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012.

OLIVEIRA, Rinalda Araújo Guerra de.; LIMA, Edeltrudes de Oliveira; SOUZA, Ivone Antônia de. Plantas medicinais usadas na dermatologia: avaliação da atividade biológica de seus extratos, óleos essenciais e suas associações. **Revista de Enfermagem da UFPE on line**, [SI], v. 1, n. 2, p. 279-280, nov. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/5326/4545>. Acesso: 04 abr. 2020.

PEREIRA, Valdelene Nunes de Andrade. Saúde, Estresse e Sacralidade do Tempo. In: GNERRE, Maria Lucia Abaurre (Org.). **História das religiões**: temas e reflexões. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012, p. 259-273.

PEREIRA, Valdelene Nunes de Andrade. **A busca da felicidade pela fé**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2019.

RIGUEIRO, Moacyr Pezzati. **Plantas que curam**: manual ilustrado de plantas medicinais. São Paulo: Paulinas, 1992.

SAAD, Gláucia de Azevedo. et al. **Fitoterapia contemporânea**: tradição e ciência na prática clínica. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.

SANTANA, Maria da Glória; ERDMANN, Alacoque Lorenzini. Crenças em Saúde: uma abordagem cultural. **Cogitare Enfermagem**, [S.l.], v. 5, n. 2, 2000. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/44878/27301>. Acesso em: 04 abr. 2020. doi:http://dx.doi.org/10.5380/ce.v5i2.44878.

SHULZ, Volker; HÄNSEL, Rudolf; TYLER, Varro E. **Fitoterapia racional**: um guia de fitoterapia para as ciências da saúde. 4. ed. Barueri (SP): Editora Manole, 2002.

VASCONCELOS, Sérgio Sezimo Douets; SILVA, Luiz Cláudio Barroca da. O “milagre” de ser escravo no Brasil: o discurso religioso colonial frente à escravidão. In: BRANDÃO et al. (Orgs.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Edições Bagaço; Editora Universitária da UFPE, 2010, v. 5, p. 89-125.